

er, russell
REVI

SPA



TOHTA CCCC
TOHTA CCCC
TOHTA CCCC

ATENÇÃO
Os telefones EXTRA LON-
gata atendem com seguri-
dade e eficiência a gás, chup-
etas e outros aparelhos.
Atendimento
Atendimento
Atendimento

100 REAIS

SO

CÓPIAS DE SEGURANÇ

100 REAIS

BRAZIL

100 REAIS

CORREIO

100 REAIS

TOHTA CCCC

TOHTA CCCC

TOHTA CCCC

TOHTA CCCC

COHIBA

SMOKING & CHEWING
LONG CUT
TOBACCO.

SMILE

SMOKING & CHEWING
LONG CUT
TOBACCO.

Jordan

WAKE

Tyler

RYOR

Brasil 2002

Brasil 2002

R\$ 0,01

R\$ 0,01

CUBEB

PARÉ'S INHALERS

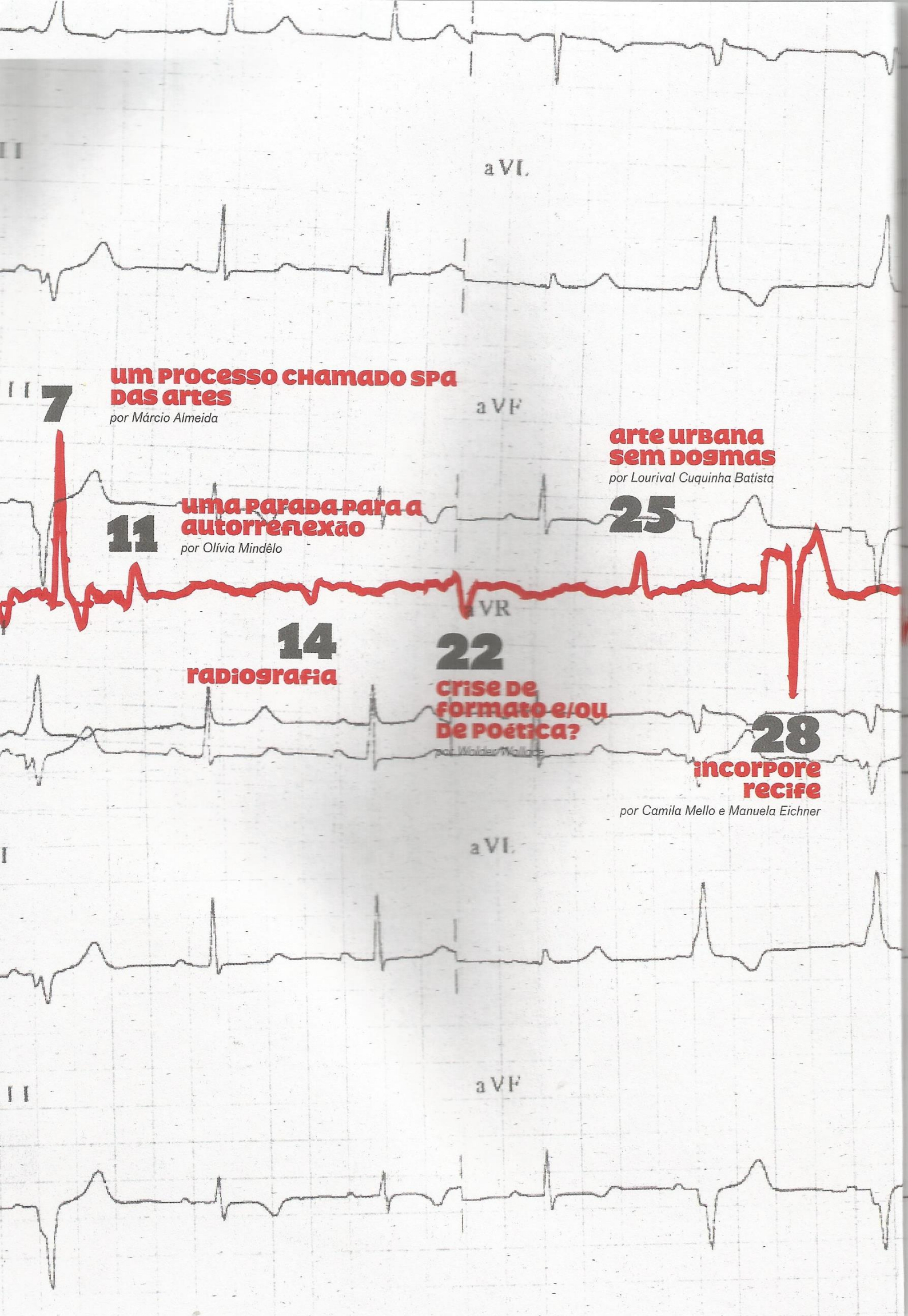
45

45

Premium

Travis

COUNTRY MUSIC



a VI.

7 **UM PROCESSO CHAMADO SPA DAS ARTES**

por Márcio Almeida

a VF

arte urbana sem dogmas

por Lourival Cuquinha Batista

11 **UMA PARADA PARA A AUTORREFLEXÃO**

por Olívia Mindélo

25

14

radiografia

VR

22

CRISE DE FORMATO E/OU DE POÉTICA?

por Wladimir Wallace

28

incorpore recife

por Camila Mello e Manuela Eichner

a VI.

a VF



**Descentralização
e Democratização
do SPA das artes**

Fernando Augusto, Galo de Souza,
Ilizidório Cavalcanti, Clarissa Diniz
e Olívia Mindêlo

35

**DO fato
de estarmos
conversando
aqui no SKYPE**

entrevista com Martin Grossmann

46

43

**SOBRE centros
e periferias**

por Kiki Mazzucchelli

54

galeria SPA 2008

por Aline Feitosa e Beto Figueiróa

61

a um passo de

por Ana Luisa Lima

65

**Da necessidade
à demanda?**

por Clarissa Diniz

69

ação e reação

por Aslan Cabral

72

**entre pontes
(ou entre
CORPORATIVISMOS e
COOPERATIVISMOS)**

por Krishna Passos e Maicyra Leão
[Núcleo Fora do Eixo]

V5

V6

V4

V6

O RECENTE E ENFÁTICO MOVIMENTO de institucionalização do campo da arte do Recife tem sido apontado, ao longo dos últimos anos, como um dos fatores centrais de transformação da produção artística local.

Da necessidade à demanda?

Questionamentos de uma juventude institucionalizada.

por Clarissa Diniz, do Recife.

É comum ouvir-se, inclusive nacionalmente, que o final dos anos 1990 representou, na cidade, o momento de flexibilização do suposto pensamento provinciano da cultura local. Esse discurso, no contexto das artes visuais, indica o Movimento Mangue, o surgimento de grupos de artistas (como o Molusco-Lama e o Camelo) e, principalmente, a criação e o estabelecimento de políticas de formação e exibição nas instituições locais de arte (Instituto de Arte Contemporânea, Fundação Joaquim Nabuco, Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães) como as causas sinérgicas dessa transformação, que se faria evidente na circulação de razoável número de jovens artistas e curadores locais pelo Brasil. Narra-se, portanto, a história recente da arte em Pernambuco como uma espécie de ruptura de cunho globalizatório. A despeito de suas verdades, é preciso criticamente indagar: a quem serve esse discurso?

Da institucionalização do campo da arte local e, em especial, desse discurso lugar-comum que busca explicar as transformações ocorridas, surgem, infelizmente, alguns

efeitos colaterais. Três deles me parecem, contudo, bastante relevantes: o desinteresse histórico que surge em consequência ao “discurso desertificador” da história da arte local; a onipresença isomórfica dos preceitos da arte contemporânea no aparato institucional da cidade e a criação de uma relação de dependência institucional, sobretudo da parte dos jovens artistas.

Desertificação da história como efeito colateral

Diante de um discurso que aponta os anos 1990 quase como exclusivo momento “de lucidez” da arte de Pernambuco, às novas gerações – bem como àqueles de fora do Recife – termina por ser transmitida a imagem de um passado artístico desértico e conservador, do qual Paulo Bruscky surgiria como uma heroica exceção. Nossa profunda ignorância a respeito da história da arte local, causada mormente pelo restrito número de pesquisadores e publicações sobre o assunto (tanto histórica como contemporaneamente), vê-se confortada diante dessa narrativa. Tem sido mais fácil atribuir ao passado a prévia imagem de um “breu” do que lançar luz sobre ele. Ao mesmo tempo, mantê-lo nesse “breu” torna-se forma de legitimação daqueles que se entendem como “iluminados”, abrindo espaço, por exemplo, para a recente heroificação da obra de Bruscky, à sombra da qual, colateral e preguiçosamente, se escondem vários de seus contemporâneos, inúmeros deles colaboradores e interlocutores em projetos diversos. Urge que, mantendo em mente o questionamento sobre a quem serve esse discurso, debrucemo-nos cautelosamente sobre a história da arte local, buscando, assim, outros modelos narrativos que não aquele da “exceção” – que, superficial e midiaticamente,

transforma "marginalidades" em "heroísmos" – , calçado, crédito, em dinâmicas de adaptação das especificidades da arte local às perspectivas estéticas que ainda hoje herdamos dos centros hegemônicos como método mais próprio para entender nossa realidade. É preciso pensar diferente.

Isomorfismo e onipotência

Foi criado o MoMA (Nova York).

Isomorficamente, surgiram o MAM-RJ, MAM-SP, MAM-BA e, no Recife, o Mamam, que, admiravelmente, manteve em seu nome um fator espaço-temporalmente contextualizante: a referência a Aloísio Magalhães (Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães). A presença do Mamam na Rua da Aurora também isomorficamente

corresponderam as alterações de perfis (e modos de atuação) de outras instituições de arte da cidade. Para além da saudável e necessária adequação das práticas museológicas – sobretudo de exibição e guarda de acervos – pelo Mamam

influenciadas, outra forma de adequação foi se tornando evidente ao longo dos últimos anos. Trata-se da reconfiguração dos perfis das instituições do Recife na direção dos modelos estéticos da chamada arte contemporânea, que, felizmente para uns e infelizmente para outros, hoje encontra espaço na maior parte dessas instituições.

Colateralmente, contudo, tem-se delineado uma espécie de onipotência (sobretudo institucional) da arte contemporânea. Artistas cujos trabalhos, por razões diversas, não se adequam a esse modelo, têm enorme dificuldade de encontrar espaços de visibilidade e legitimação de suas obras. Gerações inteiras (vivas ou não), bem como outros tipos de produção artística, têm

sido sucateadas pela homogeneização dos perfis institucionais da cidade que, como "sinal de contemporaneidade", cada vez mais privilegiavam o jovem artista, deixando de cumprir outras importantes funções – das quais se destaca a exibição e a análise crítica da obra dos artistas que conformam a história da arte local. Como afirmarmos, então, um território seguro para a arte contemporânea sem incorrer numa "ditadura" (estética, social, política etc.) da dita contemporaneidade? Como não converter a suposta "exceção" e "marginalidade" de outrora numa prática de cunho onipotente no presente?

Dependência e crítica institucional para interiores

Na fala de vários profissionais da arte local, evidencia-se a condição historicamente privilegiada dos jovens artistas que

começaram a trabalhar no Recife após os anos 2000, chegando a exercer sobre eles um juízo simplista, que os define como "mimados": Contando com um circuito claramente mais estruturado, dominando os mecanismos de solicitação do financiamento público e encontrando espaço na grande maioria das instituições da cidade, essa

geração, na qual me incluo, "não teria do que reclamar": O argumento do "mimo" me parece desconsiderar, *a priori*, a validade das possíveis críticas que, como esta, tentam se estabelecer inclusive como posicionamento geracional, enfatizando, por outro lado, a condição de intensa dependência institucional que, ao que me parece, acomete a maior parte da jovem produção artística brasileira. "Mimados", nossa crítica institucional não passa de uma versão "para interiores". Para o interior das próprias instituições.

transforma “marginalidades” em “heroísmos” – , calcado, acredito, em dinâmicas de adaptação das especificidades da arte local às perspectivas estéticas que ainda hoje herdamos dos centros hegemônicos como método mais propício para entender nossa realidade. É preciso pensar diferente.

Isomorfismo e onipotência

Foi criado o MoMA (Nova York). Isomorficamente, surgiram o MAM-RJ, MAM-SP, MAM-BA e, no Recife, o Mamam, que, admiravelmente, manteve em seu nome um fator espaço-temporalmente contextualizante: a referência a Aloisio Magalhães (Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães). À presença do Mamam na Rua da Aurora também isomorficamente corresponderam as alterações de perfis (e modos de atuação) de outras instituições de arte da cidade. Para além da saudável e necessária adequação das práticas museológicas – sobretudo de exibição e guarda de acervos – pelo Mamam influenciadas, outra forma de adequação foi se tornando evidente ao longo dos últimos anos. Trata-se da reconfiguração dos perfis das instituições do Recife na direção dos modelos estéticos da chamada arte contemporânea, que, felizmente para uns e infelizmente para outros, hoje encontra espaço na maior parte dessas instituições.

Colateralmente, contudo, tem-se delineado uma espécie de onipotência (sobretudo institucional) da arte contemporânea. Artistas cujos trabalhos, por razões diversas, não se adequam a esse modelo, têm enorme dificuldade de encontrar espaços de visibilidade e legitimação de suas obras. Gerações inteiras (vivas ou não), bem como outros tipos de produção artística, têm

sido sucateadas pela homogeneização dos perfis institucionais da cidade que, como “sinal de contemporaneidade”, cada vez mais privilegiam o jovem artista, deixando de cumprir outras importantes funções – das quais se destaca a exibição e a análise crítica da obra dos artistas que conformam a história da arte local. Como afirmarmos, então, um território seguro para a arte contemporânea sem incorrer numa “ditadura” (estética, social, política etc.) da dita contemporaneidade? Como não converter a suposta “exceção” e “marginalidade” de outrora numa prática de cunho onipotente no presente?

Dependência e crítica institucional para interiores

Na fala de vários profissionais da arte local, evidencia-se a condição historicamente privilegiada dos jovens artistas que começaram a trabalhar no Recife após os anos 2000, chegando a exercer sobre eles um juízo simplista, que os define como “mimados”. Contando com um circuito claramente mais estruturado, dominando os mecanismos de solicitação do financiamento público e encontrando espaço na grande maioria das instituições da cidade, essa geração, na qual me incluo, “não teria do que reclamar”. O argumento do “mimo” me parece desconsiderar, *a priori*, a validade das possíveis críticas que, como esta, tentam se estabelecer inclusive como posicionamento geracional, enfatizando, por outro lado, a condição de intensa dependência institucional que, ao que me parece, acomete a maior parte da jovem produção artística brasileira. “Mimados”, nossa crítica institucional não passa de uma versão “para interiores”. Para o interior das próprias instituições.



Íbis Hernandez, curadora da edição 2009 da Bienal de Havana (Cuba), conversa com o artista João Manoel Feliciano em sessão de leitura de portfólios.

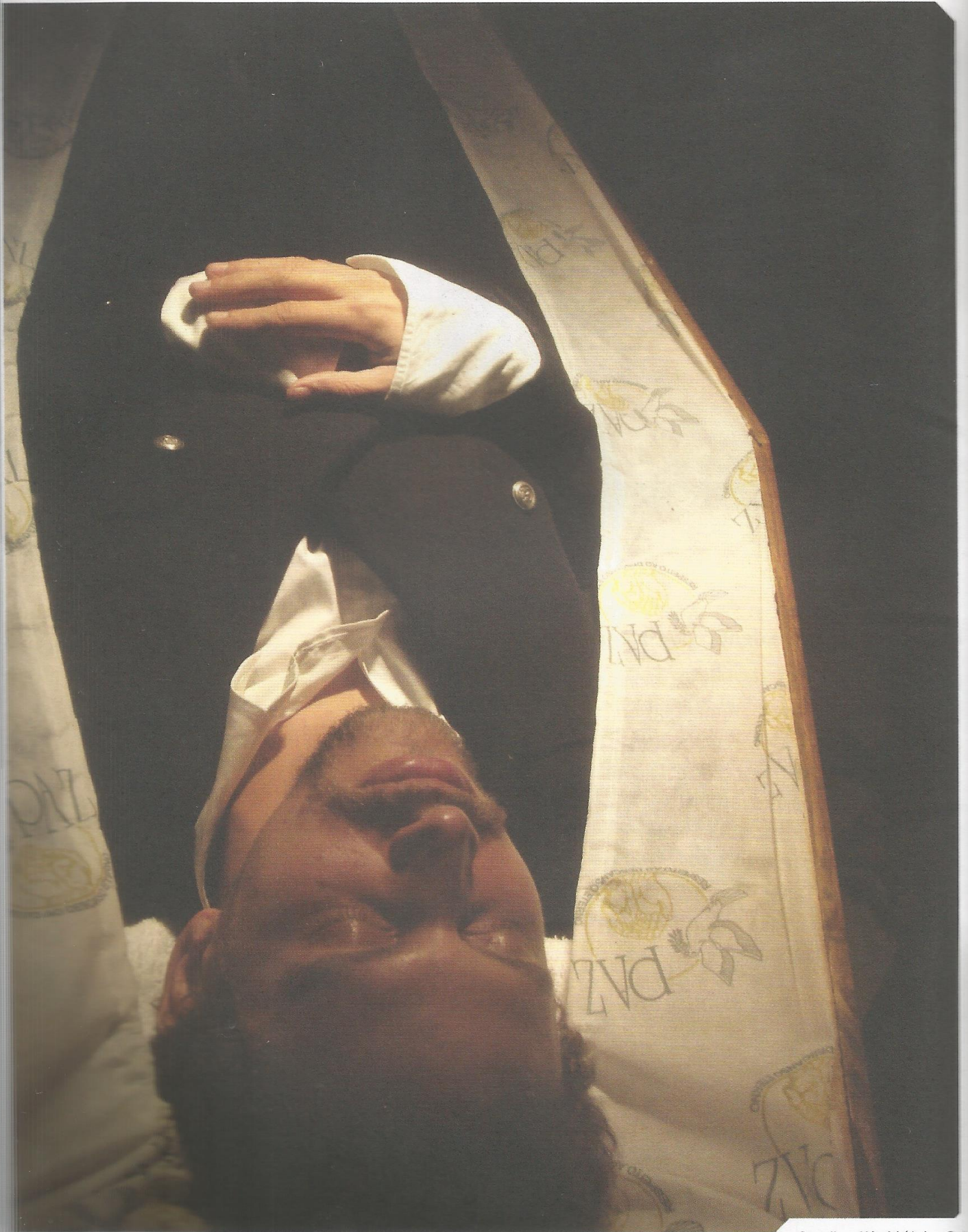
Mudar o sistema de dentro do sistema

De modo geral, justificamos nossa dificuldade (geracional?) de projetar arquiteturas por uma consciência de que só é possível “mudar o sistema de dentro dele”. Diante da falência das utopias e revoluções, seria necessário agir entropicamente, no interior do próprio sistema, como forma de transformá-lo. Desse raciocínio – ao qual me filio, ainda que em permanente dúvida –, frutifica-se uma frondosa safra de críticas institucionais para interiores, que mais decoram do que “entropizam” as instituições. Crescentemente, e a despeito da recente “febre” de coletivos no Brasil, encontramos mais dificuldade em agir alternativamente às instituições (mais ou menos tradicionais), cultivando um vínculo que, em última instância, precocemente sobrepuja, com demandas, as necessidades.

Ainda que não seja possível separar drasticamente as duas instâncias, que claramente se “interproduzem”, talvez seja possível, contudo, didaticamente indagarmos se nossas obras, textos, curadorias – nossos projetos em geral – têm surgido eminentemente por necessidade, ou sob demanda. Pensamos por necessidade? Ou temos pensado sob demanda?

É preciso adubar as necessidades, os desejos. Sobretudo por meio deles, em todo o seu caráter contextual, cultivaremos as diferenças – o “pensar diferente” que habitualmente não surge sob demanda. E é por isso que, agora, sentindo a fome do início do dia, encerro este texto e vou tomar café da manhã. ☕

Clarissa Diniz (Recife, 1985) ainda acredita na importância da crítica de arte, por isso se esforça para desenvolver uma.



Goodbye World (Aslan Cabral)
Performance. SPA 2006)

A CADA ANO, SEMPRE QUE FICO SABENDO das reuniões do SPA, fico de “orelhas em pé” e pego a minha agenda e começo a anotar ideias e sugestões que pensei no intervalo entre uma edição e outra. Pois, mesmo não fazendo parte da equipe oficial, bato carteirinha nas reuniões abertas, coisa que acontece de maneira muito natural e quase familiar. Esse interesse em sugerir renovações me lembra, de primeira, a relação afetiva criada desde o comecinho do SPA. Foi nessa mesma época que eu começava a assimilar a contemporaneidade da arte e, sem sombra de dúvida, acompanhar a trajetória do evento nesses quase oito anos me deu a oportunidade de compreender vários pontos básicos do fazer e produzir arte no Recife.

Lembro-me de amigos sendo convidados pelo telefone, pois no comecinho não tinha edital. Lembro-me de uns encontros no Mamam e na Fundaj. Lembro-me de Fernando Peres tirando a roupa no Forte das Cinco Pontas e do pedido de demissão de Lourival Cuquinha quando, durante um dos debates, “caiu a ficha” para ele de que artista plástico era a sua profissão oficial e que ele não trabalharia mais como advogado. Lembro também a ocupação na casa 11 do Pátio de São Pedro com Adriana Aranha no comando, Amanda Melo sendo captada pelas lentes de Fernando Peres enquanto realizava a sua performance *Isolante* (2003) pelas ruas do Centro do Recife... Tudo isso intercalado com momentos deliciosos de confraternização entre os artistas.

Isso me faz lembrar do clima que eu vivia na escola quando era dia de feira de ciências (hauahuah). Era aquela agitação maravilhosa, onde cada um apresentava uma maneira de introduzir, abordar um assunto para o maior número de pessoas

possível. Daí, mesmo tendo o seu trabalho para apresentar, você quer muito ver a barraquinha dos outros amigos, e tudo isso sempre no ritmo, no fluxo das ruas do Recife. Você termina o dia cansado e

ação e reação

por Aslan Cabral, do Recife

com a cabecinha cheeia de novas ideias e sensações sobre o mundo.

Agora o SPA completa oito anos e eu já trabalho com arte há cinco, e ambos temos orgulhos e focos que merecem a nossa atenção geral. Inclusive a sua.

Desde a primeira edição até hoje, a organização do SPA tem mostrado interesse em discutir os seus formatos (pois a cada ano surgem mudanças) com a classe artística através de reuniões abertas. Referindo-me ao caráter mais político dessa semana de arte, eu sugiro um tipo de “expansão” de suas frentes de atuação.

Sempre me interessou contribuir pensando estratégias de formação de público que pudessem ser abarcadas pelo SPA, e desse interesse erroneamente me peguei tendo ideias mais referentes à propaganda, à publicidade desse evento do que realmente ações de democratização do mesmo.

Como um evento que usa verba pública destinada para toda a cidade, é realmente triste perceber que somos poucos os que acompanham, presenciam a contribuição cultural que o SPA das Artes tem para o Recife. E diante dessa constatação, acredito

PREFEITURA DO RECIFE

PREFEITO João da Costa

VICE-PREFEITO Milton Coelho

SECRETARIA DE GESTÃO ESTRATÉGICA E COMUNICAÇÃO

SECRETÁRIA Ruth Helena Vieira

DIRETORA DE PROPAGANDA E CRIAÇÃO Kássia Araújo

DIRETORA DE JORNALISMO Ida Comber

SECRETARIA DE CULTURA

SECRETÁRIO Renato L

ASSESSORIA EXECUTIVA Fernando Duarte

DIRETORA DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS E MARKETING

CULTURAL Jucy Monteiro

FUNDAÇÃO DE CULTURA

PRESIDENTE Luciana Félix

DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO E DESCENTRALIZAÇÃO CULTURAL Dida Maia

DIRETOR DE GESTÃO DE EQUIPAMENTOS CULTURAIS Beto Rezende

GERENTE OPERACIONAL DE ARTES VISUAIS E DESIGN Márcio Almeida

COORDENAÇÃO GERAL DO SPA

GERENTE OPERACIONAL DE ARTES VISUAIS E DESIGN Márcio Almeida

COORDENAÇÃO

ASSESSOR DE FORMAÇÃO André Aquino

DIRETORA DO MUSEU DE ARTE MODERNA ALOÍSIO MAGALHÃES Beth da Matta

GERENTE DE SERVIÇOS DO MUSEU MURILLO LA GRECA Bitu Cassundé

GERENTE DE SERVIÇOS DE FOTOGRAFIA Mateus Sá

GERENTE DE SERVIÇOS DE DESIGN Raul Kawamura

GERENTE DE SERVIÇOS DE FORMAÇÃO EM ARTES VISUAIS Regina Buccini

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Regina Buccini

EQUIPE DE PRODUÇÃO

Bebel Kastrup, Juliana Notari e Verônica Fernandes

EQUIPE DE APOIO

Ricardo Santos, Roberto Bruscky, Cassia Olimpia, Rildo Patrício e Lia Menezes

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Dani Accioli | Aponte Comunicação

CLIPPING

Raíza Cavalcanti

REVISÃO DE TEXTO

Cláudia Freire

REGISTRO FOTOGRÁFICO

Núcleo de Produção Oi Kabum! Recife

REGISTRO EM VÍDEO

Center Multimídia

PARCEIROS

FUNARTE

Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ

PARCEIROS INTERNOS

Casa do Carnaval

Centro de Design do Recife

Centro de Formação de Artes Visuais – CFAV

Memorial Chico Science

Memorial Luiz Gonzaga

Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães – MAMAM

Museu de Arte Popular

Museu Murillo la Greca

Núcleo de Cultura Afro

Programa Multicultural

Sociedade de Amigos do MAMAM

APOIO

Aponte Comunicação

Center Multimídia

Centro Cultural dos Correios

Coquetel Molotov

Gráfica Brascolor

Oi Kabum! Recife

Programa Multicultural

SESC

www.artesvisuaisrecife.org/spa
spadasartes2009@gmail.com

REVISPA 2009

EDIÇÃO E REDAÇÃO DE TEXTOS

Clarissa Diniz e Olívia Mindêlo

COLABORADORES

Wolder Wallace, Lourival Cuquinha, Camila Mello e Manuela Eichner, Kiki Mazzuchelli, Ana Luisa Lima, Aslan Cabral, Krishna Passos e Maicyra Leão (Núcleo Fora do Eixo/Brasília).
E mais: Martin Grossmann, Fernando Augusto, Izidorio Cavalcanti e Galo de Souza.

EDIÇÃO DE IMAGENS

Clarissa Diniz, Olívia Mindêlo, Rodrigo Braga e Zoludesign

FOTOGRAFIA

Aline Feitosa, Aurélio Velho, Beto Figueirôa, Canal 03, Hélder Tavares, Marcelo Lyra e Revista Tatuí. Divulgação: Centro Cultural São Paulo, Coletivo Mergulho e Núcleo Fora do Eixo.

PROJETO GRÁFICO

Zoludesign | www.zoludesign.com.br

AGRADECIMENTOS

Aos colaboradores e entrevistados, à crise, à equipe do SPA 2009, a Rodrigo Braga, a Zé Cafofinho, aos gatos Milena e Cláudia Cristine, à vira-lata Billie Holliday e a todos que contribuíram, de alguma forma, para essa realização. A Márcio Almeida, um agradecimento especial, por nos conceder sua "liberdade assistida".

Esta revista foi produzida em julho e agosto de 2009. A Zoludesign utilizou no projeto gráfico a humanista *ParisineClair* (2008) de Jean François Porchez; a grotesca *FF Bau* (2004) do Christian Schwartz, comissionada pela Fontfont e a grunge *FF Graffio* (1995) do Alessio Leonardi, também comissionada pela Fontfont. A pré-impressão, a impressão, a encadernação e o acabamento foram realizados na Gráfica Brascolor, com tiragem de 2.000 exemplares, impressos sobre papel offset 90 g/m² para o miolo e cartão Duo design, 300 g/m² para a capa.

20457 gr
1955

MOA 52 500V



APOIO

aponte
comunicação



Center
multimídia



CORREIOS



MAMM

SESC
PERNAMBUCO



auçuba
Comunicação e Educação



PARCERIA

FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO
CULTURA

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério
da Educação

Ministério
da Cultura



REALIZAÇÃO

30
ANOS

FUNDAÇÃO
DE CULTURA
CIDADE DO
RECIFE



PREFEITURA DO RECIFE
NOSSA CIDADE É A GENTE QUEM FAZ

www.artesvisuaisrecife.org/spa



ZONA TÓRRIDA

certa pintura do Nordeste



PATROCÍNIO [SPONSORSHIP]



PRODUÇÃO [PRODUCTION]



REALIZAÇÃO [PRESENTATION]



Ministério da
Cultura



ZONA TÓRRIDA

certa pintura do Nordeste

CURADORIA [CURATORSHIP]

Paulo Herkenhoff e Clarissa Diniz

SANTANDER CULTURAL

Recife, 28 de março a 20 de maio de 2012 | 28 March – 20 May, 2012

ADVERTÊNCIA	9	<i>Paulo Herkenhoff e Clarissa Diniz</i>
ESTÉTICA DA VIDA	10	
VIRGINDADES	12	
FRUTARIA	15	
ECOLOGIA	19	

<i>Algumas notas sobre a pintura no Nordeste do Brasil</i>	23	<i>Gilberto Freyre</i>
--	----	------------------------

LULA CARDOSO AYRES	32
BANDEIRA ÍGNEO	36
TRÓPICO/TROPICOLOGIA	40
VICENTE DO REGO MONTEIRO	43
RECALQUE	44
CONGÁ CONSTRUTIVO RUBEM VALENTIM	49
MONTEZ MAGNO	51
ALMANDRADE	54
DELSON UCHÔA	56

<i>Pernambuco, Cícero Dias e Paris</i>	61	<i>Mário Pedrosa</i>
--	----	----------------------

CARYBÉ	65
LUZES SAZONAIS	67
JOSÉ CLÁUDIO	74
THIAGO MARTINS DE MELO	79
BRUNO VILELA	81
PAULO MEIRA	82
ANTONIO DIAS	84
ECOLOGIA-LUZ	87

<i>Não há Nordeste</i>	91	<i>José Cláudio</i>
------------------------	----	---------------------

EXPOSIÇÃO
EXHIBITION

CURADORIA
CURATORSHIP

Paulo Herkenhoff e Clarissa Diniz

COORDENAÇÃO
COORDINATOR

Maria Clara Rodrigues

EXPOGRAFIA
EXPOGRAPHY

Leila Scaf Rodrigues

PROGRAMAÇÃO VISUAL
GRAPHIC DESIGN

Verbo Arte e Design / Fernando Leite
Patrícia Esteves

PRODUÇÃO EXECUTIVA
EXECUTIVE PRODUCTION

Franklin Espath Pedroso

ASSISTENTE DA PRODUÇÃO
PRODUCTION ASSISTANT

Daniela Alves

ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA
FINANCIAL ADMINISTRATOR

Lídia Maria de Paiva Dias

MUSEOLOGIA
MUSEOLOGY

Pérside Omena e Suzana Omena, *Recife*
Heloísa Biancalana, *São Paulo*
Rosângela Roedel, *Rio de Janeiro*
José Dirson Argolo, *Salvador*

PROJETO DE LUMINOTÉCNICA
LIGHTING PROJECT

Márcia Chamixaes

EXECUÇÃO DA LUMINOTÉCNICA
LIGHTING SETUP

Sandro Morais

CENOTÉCNICA
SCENOGRAPHY

José Francisco dos Santos e equipe

MONTAGEM DAS OBRAS
ASSEMBLY

Gil Silva e equipe

TRANSPORTE DAS OBRAS
TRANSPORTATION OF ART WORKS

Alves Tegam

CATÁLOGO
CATALOGUE

COORDENAÇÃO
COORDINATOR

Maria Clara Rodrigues

TEXTOS
TEXTS

Gilberto Freyre
José Cláudio
Mario Pedrosa
Paulo Herkenhoff e Clarissa Diniz

PROJETO GRÁFICO
GRAPHIC DESIGN

Verbo Arte e Design / Fernando Leite
Patrícia Esteves

ASSESSORIA JURÍDICA
LEGAL ADVISOR

Gustavo Martins de Almeida

REVISÃO DE TEXTO E PADRONIZAÇÃO
PROOFREADING

Rosalina Gouveia

VERSÃO PARA O INGLÊS
ENGLISH TRANSLATION

Paul Webb
Stephen Berg

TRATAMENTO DE IMAGENS
IMAGE PROCESSING

GX3 Design / Guilherme Guimarães

PRODUÇÃO GRÁFICA
GRAPHIC PRODUCTION

Robson Lemos

IMPRESSÃO
PRINTING

Gráfica Santa Marta

PRODUÇÃO
PRODUCTION

NOTION ART&DESIGN

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS
PHOTOGRAPHY

Andre Arruda
Andrew Kemp
Breno Laprovitera
Celso Brandão
Edouard Fraipoint
Falcão Júnior
João Marcelo Macena
Júlia Clemente
Laserprint Editorial Ltda
Mário Grisolli
Mush Emmons
Nelson Bezerra
Paulo Meira
Pedro Oswaldo Cruz
Roberta Guimarães
Roberto de Souza
Robson Lemos
Romulo Fialdini
Sérgio Benutti
Usival Rodrigues
Vicente de Mello

Fred Jordão e Roberta Guimarães
Livro *José Cláudio, Vida e Obra*
(2009), editado e cedido pela Relicário
Produções.

Pedimos desculpas se, por motivos
alheios à nossa vontade, omitimos
algum crédito fotográfico.

*We apologize if, due to reasons wholly
beyond our control, some of the photo
sources have not been listed.*

Alessandra D'Aloia
 Almandrade
 Antonio Dias
 Airton Queiroz
 Andres Hernández
 Bruno Vilela
 Camila Perlingeiro
 Carla Valença
 Célia Labanca
 Carlos Augusto Lira
 Christian José Pedrosa de Oliveira
 Cida e Ernesto Roesler
 Débora Monnerat
 Delson Uchôa
 Felipe Dmab
 Flavio-Shirô
 Gilberto Mello Freyre Neto
 Hecilda e Sergio Fadel
 Jamille Cabral Pereira Barbosa
 Jean Boghici
 João Sattamini
 Joel Coelho
 José Cláudio
 Leo Asfora
 Lucia Santos
 Luciana Brito
 Luis Antonio de Almeida Braga
 Luiz Cardoso Ayres Filho

Mabel Medeiros
 Margarida e Olavo Cabral Ramos Filho
 Maria Digna Pessoa de Queiroz
 Mariana Perlingeiro
 Marcia Muller
 Márcia Fortes
 Marília Lins
 Marta Fadel
 Max Perlingeiro
 Montez Magno
 Nancy Argentina Colina de Bernarbó
 Nina Dias
 Paulo Darzé
 Paulo Meira
 Paulo Roberto Santi
 Raul Córdula
 Roberto Bica Alencastro
 Rodrigo Braga
 Solange Carybé
 Sylvia Dias
 Thereza Cristiana Pessoa de Queiroz
 Thiago Martins de Melo
 Thomaz Lobo
 Vera Iumatti
 Vera Magalhães
 Vera Pedrosa
 Waldir Simões de Assis Filho

Amparo 60 Galeria de Arte
 Coleção João Sattamini
 Coleção Roberto Marinho
 Fundação Gilberto Freyre
 Galeria Luciana Brito
 Galeria Mendes Wood
 Governo do Estado de Pernambuco / Secretaria da Fazenda
 Instituto Sergio Fadel
 Museu de Arte Contemporânea de Niterói
 Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco
 Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães
 Museu do Estado de Pernambuco
 Paulo Darzé Galeria de Arte
 Pinakothke Cultural
 Relicário Produções Culturais e Editoriais
 Simões de Assis Galeria de Arte

Às pessoas que colaboraram com a realização
 desta exposição / *to the people who collaborated
 with the production of the exhibition.*

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Z871

Zona tórrida : certa pintura do Nordeste. – Recife : Santander Cultural, 2012.
 116 p. : il. (algumas color.) ; 26,5 cm.

ISBN 978-85-99686-11-9

Catálogo da exposição realizada no Santander Cultural, em Recife,
 de 28 de março a 20 de maio de 2012.

Curadoria: Paulo Herkenhoff e Clarissa Diniz.

Texto em português com tradução em inglês.

I. Arte Brasileira - Brasil, Nordeste - Exposições. I. Herkenhoff, Paulo, 1949-
 II. Diniz, Clarissa, 1985- III. Santander Cultural



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



Ministério da
Cultura

